

# Arte indígena do barro ao cinema

museu do pontal

ARTE E CULTURA POPULAR EM REDE

Data: 24/04/2023

## Ga vī: a voz do barro, conversando com a terra

por Nyg Kuitá Kaingang e coletivo kaingang Nën Ga

A relação do povo Kaingang com as técnicas de cerâmica é ancestral. Estudos arqueológicos apontam que esta técnica era praticada há, pelo menos, 4 mil anos. A prática da cerâmica passa por relações profundas com Ga - a terra, o barro -, e também com conhecimentos sobre grafismo e motivos da ordem cosmológica kaingang.

As práticas com a cerâmica, assim como muitos outros conhecimentos do povo Kaingang, foram adormecida pelos muitos anos de contato com os fóg, os não-indígenas, que impuseram formas de conhecer e trabalhar nos territórios kaingang, perseguindo e proibindo a prática kanhgág jykre (pensamento/cultura Kaingang). Essas práticas perseguidas são os conhecimentos ancestrais kanhgág, do qual faz as relações de cuidado espiritual com o barro.

Essa relação atenta, ancestral e umbilical dos Kaingang com ga (terra) e os seres que nela habitam, sempre ocorreu em territórios vastos, não em pequenos lotes de terra, como hoje se encontram o povo kaingang e outros povos indígenas. Os Kaingang, são os Jê Meridionais, povos originários que habitam os territórios hoje compreendidos como estados do Sul do Brasil (além de parte do estado de São Paulo), há aproximadamente 3 mil anos.

Sempre circularam por territórios onde estabeleciam seus acampamentos (vãre), retornando as aldeias centrais, de origem, os ãmã. A circulação pelo território ocorria pelas bacias dos grandes rios, desde o Paranapanema até o Uruguai, estendendo-se mais ao sul. Coletivos kaingang formavam uma grande rede relacional.

Essa forma de relação do povo Kaingang com o território, no entanto, foi bruscamente transformada desde que se deu início o contato com os fóg (não-indígenas). A invasão e ocupação de seus territórios, iniciou-se com frentes de expansão colonial no período de atuação dos bandeirantes (século XVI) e seguiu com violações posteriores conduzidas por militares, exploradores de minério, tropeiros e fazendeiros

No século XIX, as tentativas de concentração de indígenas para liberação de territórios se deram através da implementação da política de aldeamentos, os quais eram administrados por padres capuchinhos e geridos politicamente de forma conjunta por setores do governo colonial e provincial. Esses aldeamentos tinham práticas de imposições de trabalho em lavouras, como também fomentavam a perseguição às práticas e conhecimentos indígenas considerados tradicionais – festas, rituais, práticas xamânicas suas artes, e mesmo a própria língua.

# Arte indígena do barro ao cinema

Data: 24/04/2023

Neste período, a relação das mulheres kaingang com a prática da cerâmica foi proibida e também limitada, simplesmente, pela redução dos territórios ou ainda pelas matérias primas serem soterradas pelas lavouras e madeireiras implantadas no território. Ainda hoje, em função da invasão e expansão agrícola, o acesso aos lugares sagrados onde se encontravam as vastas variedades de barro são limitados ou estão desaparecendo. Sendo, assim, a prática da cerâmica das manifestações kaingang ainda violadas.

Em contraposição a esse cenário, em outubro de 2022, as mulheres Kaingang da Terra Indígena de Apucarantina iniciaram o processo de retomada dos saberes das mais velhas em relação ao barro. Após essa experiência, por vontade dessas mulheres em dar continuidade a essa conexão e pesquisa, ainda durante a pandemia, iniciaram encontros virtuais entre Nyg Kuita, Geórgia Macedo, da Tela Indígena, e Kassiane Schwingel, do Conselho Indigenista Missionário - COMIN, para sonhar e planejar possibilidades em dar continuidade a retomada das práticas, histórias e conhecimentos em relação ao barro. Esses diálogos virtuais teceram o encontro "Ga vi: a voz do barro, conversando com a terra", 2022, que aconteceu na Terra Indígena Kaingang Apucarantina (PR) buscando fortalecer os saberes relacionados ao barro e reunindo mulheres Kaingang de diferentes gerações e das territorialidades do Estado do Paraná e Rio Grande do Sul.

O encontro reuniu mulheres Kaingang de diferentes gerações para fortalecer os saberes relacionados ao barro. A partir de atividades práticas com o barro, as conversas abordaram a relação espiritual com a cerâmica, modo de se

relacionar com o barro enquanto uma potência de vida, a terra e o território enquanto vida, as marcas rá tej e rá ror e o barro.

A vivência gerou conversas na varanda das casas, nas matas e no centro de vivências da Comunidade de Água Branca, recebidas pela liderança Moisés Lourenço. Conversamos sobre o território, sobre as pessoas que antigamente mexiam com o barro e seus modos de fazer, ouvir, mover, conhecer. As vivências abordaram a relação espiritual com o barro, com o território, com as cascas das araucárias. Durante o encontro, foram gravadas imagens e canções por membros da Tela Indígena e Coletivo Nen Ga, que resultaram em uma animação, desenhada e animada por Vini Albernaz.

A proposta em realizar uma animação que pudesse dar continuidade aos conhecimentos ouvidos e vividos durante o encontro "Ga vi" se deu na busca de fortalecer a transmissão de saber circular do Povo Kaingang. Fazer com que a narrativa do barro pudesse ser ouvida e conhecida em diferentes territórios, pelos kaingang, pelos outros povos e pelos não indígenas. Acordeando esse conhecimento que adormeceu com o processo de colonização e fortalecendo a tradução da perspectiva e vivência Kaingang em diferentes formas de expressão política e de vida material e espiritual de arte, comunicação e memória kanhgág.

Acreditamos que quando criamos arte audiovisual desde a perspectiva ancestral construímos ferramentas potentes para a quebra de estigmas relacionados aos modos e relações de vida do Povo Kaingang. Criar essa animação é uma

# Arte indígena do barro ao cinema

Data: 24/04/2023

forma de mostrar que apesar dos séculos de segregação pelo racismo colonial, os saberes kanhgág mantiveram-se vivos pelas mãos e pela memória das mulheres que na contemporaneidade seguem na luta diária para manter viva esse relação espiritual e umbilical com o a terra através da pratica da cerâmica.

## Sinopse:

Animação criada através das memórias narradas por Gilda Wankyly Kuita e Iracema Gãh Té Nascimento, com imagens e sons captados na Terra Indígena Kaingang Apucarantina (PR) durante o encontro de mulheres "Ga vî: a voz do barro, conversando com a terra", 2021. O curta aborda a tradição da cerâmica, barro, território e ancestralidade.

## Ficha Técnica:

**Produção e realização:** COMIN-FLD, Coletivo Nën Ga, Tela Indígena

**Direção e roteiro:** Ana Letícia Meira Schweig, Angélica Domingos, Cleber kronun de Almeida, Eduardo Santos Schaan, Geórgia de Macedo Garcia, Gilda Wankyly Kuita, Iracema Gãh Té Nascimento, Kassiane Schwingel, Marcus A. S. Wittmann, Nyg Kuita, Vini Albernaz

**Desenhos e animação:** Vini Albernaz

**Captação de imagens e áudio:** Cleber Kronun de Almeida, Eduardo Santos Schaan, Geórgia de Macedo Garcia

**Desenho de som:** Vini Albernaz

**Tradução Kaingang-Português:** Nyg Kuita, Iracema Gãh Té Nascimento, Gilda Wankyly Kuita, Eduardo Santos Schaan

**Trilha sonora:** Música Jave | Coletivo Nën Ga - Terra Indígena Goj Veso, município de Iraí, durante I Acampamento Terra Livre Sul, 2017

**Agradecimentos:** Coletivo Nën Ga, Comunidade de Água Branca, liderança Moisés Lourenço